

INSTITUTO PORTUGUÊS DA CONJUNTURA ESTRATÉGICA

ESTRATÉGIA

Coordenação de

Adriano Moreira

e

Pinto Ramalho

Colaboração de

Adriano Moreira

Álvaro da Silva Marçal

Amaury Porto de Oliveira

Carmen Amado Mendes, Maite J. Iturre e Daniela Nascimento

Francisco Jorge Gonçalves

Francisco Proença Garcia

Francisco Xavier Ferreira de Sousa

João Manuel Lopes Pires Neves

Laura C. Ferreira-Pereira

Luís Fontoura

Maria Francisca Saraiva

Paulo Fernando Viegas Nunes

Raul Fernando R. C. Gomes

Reinaldo Saraiva Hermenegildo

VOLUME XX

LISBOA

2011

TÍTULO:

Estratégia, Vol. XX – 2011

© EDIÇÃO:

Instituto Português da Conjuntura Estratégica
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Academia Internacional da Cultura Portuguesa
Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial
Instituto da Defesa Nacional
Instituto D. João de Castro

Com o apoio do Ministério da Defesa Nacional

DIRECÇÃO DO I.P.C.E.:

Presidente – Valm. Pires Neves
Vogal – Ten-Cor. Doutor Francisco Proença Garcia
Vogal – Doutora Maria Francisca Saraiva

REVISÃO:

Alves Fernandes

ISSN 1645-9083

Depósito Legal n.º 41 106/90

EXECUÇÃO GRÁFICA:

ACMA – *Unip. Lda.*
www.acma.lda.pt

© Todos os textos são da responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transcrita por qualquer forma ou processo (electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópias, xerografia ou gravura) sem autorização prévia, por escrito, dos autores e dos editores.

Exceptuam-se a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica da obra. Casos de transgressão incorrem em procedimento judicial.

SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA	7
<i>Gen. Pinto Ramalho</i>	
O ESTADO EXÍGUO E AS HIPÓTESES ESTRATÉGICAS	9
<i>Prof. Doutor Adriano Moreira</i>	
POLICIAMENTO DE PROXIMIDADE – AVALIAÇÃO DO PROGRAMA ESCOLA SEGURA NO CONCELHO DE ODIVELAS (2007/2008)	21
<i>Álvaro da Silva Marçal</i>	
A CHINA ABRAÇA A CAUSA VERDE	55
<i>Amaury Porto de Oliveira</i>	
O “FACTOR” TAIWAN NA POLÍTICA EXTERNA CHINESA EM ÁFRICA E NA AMÉRICA LATINA	69
<i>Carmen Amado Mendes, Maite J. Iturre e Daniela Nascimento</i>	
O ISLAMISMO RADICAL E AS SUAS AMEÇAS NÃO-VIOLENTAS	87
<i>Francisco Jorge A. P. C. Gonçalves</i>	
O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA	107
<i>Francisco Proença Garcia</i>	
O MAGREBE E A EUROPA OCIDENTAL: QUE CONTRIBUTOS PARA A SEGURANÇA NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL?	149
<i>Francisco Xavier Ferreira de Sousa</i>	
A SOBERANIA DOS ESTADOS E O MAR – A REALIDADE PORTUGUESA	275
<i>João Manuel Lopes Pires Neves</i>	

PORTUGAL E O DESENVOLVIMENTO DA POLÍTICA COMUM DE SEGURANÇA E DEFESA: UMA DÉCADA EM AVALIAÇÃO	305
<i>Laura C. Ferreira-Pereira</i>	
UM LÍDER DA ÁFRICA NOVA	327
<i>Luís Fontoura</i>	
REGIONALIZAÇÃO DA GESTÃO E RESOLUÇÃO DE CRISES: ANÁLISE COMPARADA DO DESEMPENHO ESTRATÉGICO DA NATO E DA CEI NO ESPAÇO EURO-ASIÁTICO	343
<i>Maria Francisca Saraiva</i>	
IMPACTO DAS CIBERAMEAÇAS NA SEGURANÇA E DEFESA: DA CIBERDEFESA AO LEVANTAMENTO DA ESTRATÉGIA DA INFORMAÇÃO NACIONAL	359
<i>Paulo Fernando Viegas Nunes</i>	
O PODER DE PORTUGAL NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	389
<i>Raul Fernando R. C. Gomes</i>	
O PAPEL DO PEQUENO ESTADO NA UNIÃO EUROPEIA	411
<i>Reinaldo Saraiva Hermenegildo</i>	
O SISTEMA INTERNACIONAL E O CONTEXTO ESTRATÉGICO MUNDIAL	431
<i>Prof. Doutor Adriano Moreira</i>	
ANEXO – “STRATEGIC CONCEPT FOR THE DEFENCE AND SECURITY OF THE MEMBERS OF THE NORTH ATLANTIC TREATY ORGANISATION”, ADOPTED BY HEADS OF STATE AND GOVERNMENT IN LISBON – <i>ACTIVE ENGAGEMENT, MODERN DEFENCE</i>	439
SÚMULA DOS TRABALHOS APRESENTADOS NOS 20 VOLUMES DA REVISTA <i>ESTRATÉGIA</i>	453
ÍNDICE GERAL	483

*O “FACTOR” TAIWAN NA POLÍTICA EXTERNA CHINESA
EM ÁFRICA E NA AMÉRICA LATINA*

*Carmen Amado Mendes
Maite J. Iturre
Daniela Nascimento*

O "FACTOR" TAIWAN NA POLÍTICA EXTERNA CHINESA
EM ÁFRICA E NA AMÉRICA LATINA *

Carmen Amado Mendes
Maite J. Iturre
Daniela Nascimento **

Introdução

A disputa entre a República Popular da China (RPC) e a República da China (Taiwan) pelo reconhecimento internacional condiciona a política externa de Pequim em África e na América Latina. A análise das dimensões políticas e diplomáticas da presença chinesa nessas regiões revela, entre outras coisas, a tentativa de isolar Taipé no sistema internacional. Desde a retirada do Governo nacionalista para a ilha de Taiwan em 1949, na sequência da perda da guerra civil contra os comunistas liderados por Mao Zedong, aquelas regiões tornaram-se 'campos de batalha' usados pelos dois actores para conseguirem reconhecimento e apoio internacionais: metade dos Estados que reconhecem Taiwan estão situados na América Latina e quatro em África.

Tanto a RPC como Taiwan definiram estratégias específicas para estas regiões, com as quais tinham poucas afinidades naturais. Numa etapa de desenvolvimento muito diferente de Taiwan ou mesmo da China, a maioria dos países da América Latina e de África partilha interesses complementares com ambos: estão dispostos a garantir recursos naturais e apoio político na arena internacional (nomeadamente no que toca à questão da soberania) em troca de produtos manufacturados, ajuda financeira e investimento directo. Nesse sentido, Pequim e Taipé aproveitam os problemas de desenvolvimento destas regiões para fornecer ajuda e dinheiro em troca de reconhecimento diplomático. A RPC impõe apenas uma condição política

* Artigo elaborado no âmbito do projecto "Uma Análise da Fórmula 'Um País, Dois Sistemas': O Papel de Macau nas Relações da China com a UE e os Países de Língua Portuguesa", financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCOMP-01-0124-FEDER-009198), Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

** Carmen Amado Mendes, Professora da Universidade de Coimbra, carmen.mendes@fe.uc.pt;
Maite J. Iturre, Pesquisadora da Universidade do País Basco, maite.iturre@gmail.com;
Daniela Nascimento, Professora da Universidade de Coimbra, danielan@fe.uc.pt.

à ajuda que dá a estes países: o reconhecimento do princípio de uma China única, o que implica e obriga à ausência de quaisquer relações diplomáticas com Taiwan. Ao contrário dos líderes taiwaneses, os governantes chineses pressionam os países apoiantes da ilha, usando o peso internacional da China para os penalizar ¹.

América Latina: o último grande bastião do reconhecimento diplomático de Taiwan

A América Latina é indiscutivelmente a região mais importante para a diplomacia taiwanesa. De facto, hoje 12 ² dos seus 23 aliados diplomáticos estão situados nesta região, em especial na América Central. Apesar de Taipé ter obtido maior reconhecimento internacional do que Pequim no pós-1949, à medida que os seus aliados iam reconhecendo a RPC, o peso relativo dos países da América Latina no apoio a Taiwan cresceu de forma assinalável. Durante a década de 1960, a RPC apoiou movimentos de guerrilha e a luta anti-imperialista na América Latina ³, em oposição às ligações de Taiwan com as ditaduras que controlavam a maior parte da região.

A supremacia diplomática da ilha relativamente à China comunista dos anos 50 e 60 começou, no entanto, a alterar-se significativamente. A passagem do assento das Nações Unidas para a RPC (em 25 de Outubro de 1971) e a visita do Presidente Richard Nixon a Pequim em 1972 foram cruciais para esta mudança. A incorporação da China comunista nas instituições internacionais e a normalização das suas relações com a maior parte do mundo Ocidental levaram ao início da luta diplomática entre as duas Chinas pelo reconhecimento internacional, que dura até hoje, tendo na América Latina o seu principal palco de confrontação.

Nos anos 1970, as mudanças referidas na situação internacional da RPC ditaram o caminho para o desenvolvimento de relações com outros países da América Latina. O primeiro país sul-americano a estabelecer laços diplomáticos com Pequim foi o Chile de Salvador Allende, em Dezembro de 1970. Contudo, o golpe de Pinochet em 1973 congelou as relações entre os dois países ⁴. Durante essa década, dez países da América Latina transferiram a sua lealdade diplomática de Taipé para a Pequim: Peru (1971), México (1972), Argentina (1972), Guyana (1972), Jamaica (1972), Trinidad e Tobago (1974), Venezuela (1974), Brasil (1974), Suriname (1976) e Barbados (1977).

As relações da RPC com a América Latina foram muito hábeis: não só apoiava a defesa dos seus direitos marítimos e o estabelecimento de uma zona livre de armas nucleares, como também apoiava iniciativas no domínio económico, tais como a reclamação de uma nova ordem económica internacional e a defesa dos preços dos

¹ Ver, por exemplo, o veto chinês ao uso de capacetes azuis na Guatemala, pelo facto deste país apoiar Taiwan. Cf. Gill, Bates e Huang, Chin-Hao, "China's expanding role in peacekeeping", Policy paper, 25, Stockholm International Peace Research Institute, Novembro 2009.

² Paraguai, Guatemala, São Vicente e Granadinas, Belize, El Salvador, Haiti, Nicarágua, República Dominicana, Honduras, Panamá, São Cristóvão e Nevis e Santa Lúcia.

³ Xu, Shicheng, "Las diferentes etapas de las relaciones sino-latinoamericanas", *Nueva Sociedad*, 203, 2006, pp. 102-113.

⁴ Jiang, Shixue, "Una mirada china a las relaciones con América Latina", *Nueva Sociedad*, 203, 2006, p. 64.

produtos das *commodities*⁵. Até ao final da década de 1970, as trocas comerciais entre a China e a região estavam bastante limitadas em resultado da oposição feita pelos Estados Unidos da América (EUA) até 1971, do fraco crescimento económico, da instabilidade política da RPC e dos programas de desenvolvimento da América Latina baseados num modelo de substituição de importações⁶. Contudo, as reformas implementadas por Deng Xiaoping alteraram substancialmente este cenário e as possibilidades de interacção económica com a América Latina, o que veio a tornar-se numa das razões centrais para conquistar reconhecimento diplomático.

De facto, a política externa da RPC foi reajustada em termos gerais e obviamente também em relação à América Latina e os seus objectivos principais, durante os anos 1980 e 1990, incluíam:

- (1) Desenvolvimento de relações de amizade e cooperação independentemente de diferenças ideológicas, sublinhando as coincidências em questões como a paz e o desenvolvimento;
- (2) Prioridade nas relações com os maiores países latino-americanos (Brasil, Argentina, México e Venezuela) e que eram economicamente mais fortes e politicamente moderados;
- (3) Centralidade das relações económicas e comerciais; e
- (4) Reforço das ligações entre o Partido Comunista Chinês e os vários partidos políticos da América Latina (e não apenas os “partidos de esquerda”)⁷.

De acordo com estas linhas de acção externa, e impulsionada pelo seu crescimento económico extraordinário, a RPC conseguiu alterar quase todas as lealdades sul-americanas a seu favor. Quando o Uruguai reconheceu Pequim em 1988, apenas o Paraguai se manteve ligado a Taipé. Taiwan era então rico do ponto de vista económico, mas a RPC tinha evidentemente mais poder do ponto de vista diplomático, facto que se acentuou com a intensificação do papel político da China a nível internacional e com a sua crescente importância económica.

Em 1989, o massacre de Tiananmen e a subsequente reacção de condenação internacional representou apenas um pequeno parêntesis no processo de expansão económica e diplomática da RPC. Assim, à medida que Pequim reforçava as suas relações com os países da América Latina, Taipé recorria à ‘diplomacia do cheque’ para manter a lealdade dos seus aliados. Tratando-se de países pobres, com dificuldades económicas e sociais estruturais, Taiwan encontrava na ajuda financeira e económica a melhor arma para cuidar e manter as relações diplomáticas com os países latino-americanos.

Durante a Guerra-Fria, as relações de Taiwan com os aliados latino-americanos revelavam uma coincidência ideológica: todos estes países partilhavam uma visão bipolar do mundo e um fervoroso anti-comunismo. Na maior parte dos países,

⁵ Xu, *op. cit.*, p. 104.

⁶ Jiang, *op. cit.*

⁷ Xu, *op. cit.*

as ditaduras tiveram que enfrentar movimentos armados de oposição, o que originou vários conflitos internos pelo que, nestas circunstâncias, a relação com Taiwan assentava essencialmente em cooperação nos domínios da segurança e defesa. Paralelamente a isto, iam-se desenvolvendo laços de amizade com as elites políticas, bem como contactos com a sociedade civil e os meios de comunicação ⁸.

Contudo, o início dos anos 1990 trouxe várias mudanças para os aliados latino-americanos de Taiwan, tanto ao nível nacional como internacional. Por um lado, o fim da confrontação entre o bloco ocidental e o bloco de leste e o desmembramento da URSS eliminaram a referência ideológica de muitos movimentos rebeldes, diminuindo assim o receio de uma subida de partidos comunistas ao poder. Como já foi referido, assiste-se à afirmação económica e política da RPC, reafirmando-se o princípio da 'China única'. Por outro lado, a América Latina iniciou um processo de democratização que acabou com décadas de ditadura e ajudou a pôr fim a alguns dos conflitos internos na região. Com os objectivos de paz e democracia alcançados, era agora tempo de dar atenção aos problemas sociais negligenciados durante tanto tempo. E neste cenário a ajuda financeira de Taiwan encaixava perfeitamente.

Apesar de a cooperação na área militar se manter ⁹, o essencial das relações entre Taiwan e os seus aliados latino-americanos, tanto ao nível bilateral como multilateral, passa a centrar-se em ajuda técnica e financeira. Mais especificamente, é possível identificar três tipos de ajuda: (1) ajuda financeira não-reembolsável; (2) ajuda financeira reembolsável; e (3) ajuda técnica – essencialmente no sector agrícola ¹⁰. A ajuda não reembolsável é normalmente direccionada para o financiamento de infra-estruturas ou actividades de apoio ao desenvolvimento. Nesse sentido, para os países mais pobres da América Latina, esta é uma das principais razões para manter as relações diplomáticas com Taiwan. Alguns exemplos recentes ilustram bem esta realidade. O Paraguai, por exemplo, recebeu mais de 30 milhões de dólares em ajudas para projectos de habitação e cerca de 20 milhões de dólares para um novo edifício do Congresso ¹¹. Em 2008, a Guatemala recebeu dez ambulâncias especialmente adaptadas para serem usadas nas áreas rurais do país, e ainda 40 milhões de dólares para a renovação e alargamento de estradas ¹², assim como oferta da construção de uma nova prisão de alta

⁸ Peralta, Gabriel Aguilera: "De espaldas al dragón", *Nueva Sociedad*, 203, 2006, pp. 171-179.

⁹ Por exemplo, em 2009, a frota de treino naval de Taiwan visitou o Belize, num tour à América Latina e Caraíbas. A RC tem ainda atribuído bolsas de estudo em Taiwan a oficiais do exército do Belize, bem como apoiado outras actividades para apoiar as Forças de Defesa do Belize e a recém-criada Guarda Costeira Nacional do Belize.. *Vid.* "Belize welcomes ROC-Taiwan naval visit", *The Reporter*, Belize, 02/05/2008, <http://www.reporter.bz/index.php?option=content&task=view&id=2732&Itemid=2>.

¹⁰ Peralta, *op. cit.* 9.

¹¹ Forman, Johanna Mendelson; Moreira, Susana, "Taiwan-China Balancing Act in Latin America", *ARI* 154/2008, 2008, <http://www.realinstitutoelcano.org>.

¹² "Taiwán dona a Guatemala diez ambulancias destinadas al área rural del país", *Soitu.es*, 17/07/2008, http://www.soitu.es/soitu/2008/07/17/info/1216329652_064127.html.

segurança¹³. Conseguiu ainda um donativo para renovar o edifício do Ministério dos Negócios Estrangeiros¹⁴.

Nesta categoria de ajuda, podemos ainda encontrar vários programas de bolsas de estudo atribuídas por Taiwan, como por exemplo a doação de um fundo de um milhão de dólares ao Ministério do Ensino Superior da República Dominicana como parte de um Programa Internacional de Fundos e Bolsas de Língua Chinesa para apoiar estudantes universitários que pretendem continuar os seus estudos no estrangeiro, nomeadamente em Taiwan¹⁵.

A ajuda reembolsável constitui outra vertente central nas relações Taiwan-América Latina. De facto, a nação asiática confere empréstimos com taxas de juro bastante baixas e a longo-prazo, conveniente para os seus aliados que enfrentam normalmente grandes dificuldades no acesso a financiamento por instituições internacionais e no cumprimento das suas obrigações financeiras. Assim, Taiwan é hoje o principal credor bilateral do Paraguai¹⁶ e recentemente aceitou o pedido para adiamento do pagamento da dívida relativa a um empréstimo de 400 milhões de dólares¹⁷.

A ajuda técnica é o terceiro eixo de ajuda de Taiwan aos seus aliados na América Latina¹⁸. Ainda que esta se concentre essencialmente no sector agrícola – especialmente útil para apoiar o sector primário dominante na economia de grande parte destes países, estende-se também a outras áreas. Por exemplo, Taiwan ofereceu cooperação técnica à Guatemala para implementação de um sistema de identificação digital automática e assinou ainda um acordo com a República Dominicana para o envio de voluntários do Fundo Internacional de Cooperação e Desenvolvimento com experiência e formação na área de planeamento de programas de desenvolvimento¹⁹.

Estes três tipos de ajuda fornecida por Taiwan correspondem perfeitamente às necessidades dos seus principais aliados latino-americanos, constituindo por isso uma forte razão para manter os laços diplomáticos com a ilha. Contudo, consciente da existência de outros aspectos económicos que podem ser explorados com vista

¹³ "Taiwán garantizó a Guatemala apoyo en infraestructura y seguridad (Colom)", *Eco Diario - El Economista*, Madrid, Spain, 15/10/2008, <http://ecodiario.economista.es/internacional/noticias/806123/10/08/Taiwan-garantizo-a-Guatemala-apoyo-en-infraestructura-y-seguridad-Colom.html>.

¹⁴ Calderón, Edgar: "Taiwán redobra esfuerzos para fortalecer relaciones con Centroamérica", *El Periódico de México*, Mexico DF, Mexico, 27/07/2007, <http://elperiodicodemexico.com/nota.php?id=126746&fecha=2007-07-27>.

¹⁵ "Taiwan donates scholarships", *Dominican Republic News*, Dominican Republic, 22/07/2008, <http://dri1.com/news/2008/dnews072208.shtml>.

¹⁶ Forman, *op. cit.*

¹⁷ EFE, "Taiwán acepta diferir el cobro de los préstamos concedidos a Paraguay", *Soitu.es*, 09/03/2009, http://www.soitu.es/soitu/2009/03/09/info/1236599046_690161.html.

¹⁸ "Taiwán garantizó a Guatemala apoyo en infraestructura y seguridad", *op. cit.*

¹⁹ Central News Agency, "Taiwan, Dominican Republic sign volunteer pact," *Taiwan News*, Taiwan, 10/03/2009, http://www.taiwannews.com.tw/etn/news_content.php?id=888225&lang=eng_news&cate_img=83.jpg&cate_rss=news_Politics_TAIWAN.

a reforçar as relações existentes, Taipé tem dado especial atenção ao comércio, investimento e até turismo.

Taiwan assinou igualmente um Acordo de Livre Comércio com cinco países da América Central (Panamá, Nicarágua, Guatemala, El Salvador e Honduras), e tem estado a trabalhar num sexto acordo com a República Dominicana²⁰. A adesão do Paraguai ao MERCOSUL impediu-o de assinar um acordo semelhante, apesar de uma proporção significativa da produção de soja e carne da América do Sul serem vendidas a Taiwan e de cerca de 25% das importações do Paraguai virem da ilha²¹. As missões comerciais como a que recentemente fez a El Salvador²² representam outra forma de promover o comércio bilateral. Contudo, o resultado global do comércio entre Taiwan e os países da América Latina representa ainda um deficit para os países americanos.

No que diz respeito aos investimentos, as oportunidades têm surgido em alguns países, à medida que as autoridades locais procuram atrair as empresas de Taiwan através de visitas²³ e de condições especiais. Recentemente, por exemplo, têm surgido iniciativas interessantes no sector da energia. Por um lado, a *Formosa Petrochemical Corporation* e o Governo taiwanês estão a levar a cabo um estudo para avaliar a viabilidade de construir uma refinaria na Guatemala. Possivelmente, se os resultados forem positivos, o investimento seria não só direccionado para esse projecto, mas também para outros projectos como um gerador eléctrico e infra-estruturas portuárias²⁴. Por outro lado, o governo do Belize e a *OPIC Resource Corporation* – a companhia subsidiária da *Chinese Petroleum Corporation* (CPC), assinaram recentemente um Acordo de Partilha de Produção que permite a exploração de petróleo numa importante região *off-shore* por um período de oito anos²⁵.

A promoção do turismo – a principal actividade de muitos dos seus aliados – tem sido outra das formas através das quais Taiwan tem procurado manter a lealdade dos seus aliados. Contudo, apesar da implementação de algumas medidas como o *sightseeing card*, existe uma grande distância geográfica entre Taiwan e a América Latina e Caraíbas e, conseqüentemente, um número muito reduzido de turistas de Taiwan nestes países. Finalmente, e além do comércio, investimento e turismo, é importante referir também a concessão de ajuda humanitária aquando dos furacões e desastres naturais que periodicamente assolam a região.

²⁰ "Taiwan, Dominican Republic to work on FTA", *The China Post*, Taipei, Taiwan, 18/08/2008, <http://www.chinapost.com.tw/taiwan/foreign%20affairs/2008/08/18/170549/Taiwan-Dominican.htm>.

²¹ Forman, *op. cit.*

²² Jovel, Stefany, "Exportaciones de El Salvador a Taiwán aumentaron 40%", *La Prensa Gráfica*, San Salvador, El Salvador, 09/03/2009, <http://www.laprensagrafica.com/economia/nacional/22165--exportaciones-de-el-salvador-a-taiwan-aumentaron-40.html>.

²³ Smith, Eduardo, "Gira asiática atrae capital", *Prensa Libre.com*, Ciudad de Guatemala, Guatemala, 12/06/2008, <http://www.prensalibre.com/pl/2008/junio/12/243945.html>.

²⁴ Garméndez, Zayda, "China Taiwán y Guatemala entran en los planes de construir refinaria", *La Jornada*, Managua, Nicaragua, 25/07/2007, <http://www.lajornadanet.com/diario/archivo/2007/julio/china-taiwan-25.html>.

²⁵ "Belize & Chinese Petroleum Corporation (CPC) of Taiwan Sign Exploration Agreement", Caribbean Press Releases, 16/01/2009, <http://www.caribbeanpressreleases.com/articles/4454/1/Belize-amp-Chinese-Petroleum-Corporation-CPC-of-Taiwan-Sign-Exploration-Agreement/Page1.html>.

Em relação à RPC, à medida que a sua economia começou a crescer, a procura de recursos naturais para alimentar esse crescimento aumentou significativamente. Assim, e em especial na viragem para o século XXI, Pequim voltou-se para a América Latina com o objectivo de adquirir petróleo, minerais e outras mercadorias como soja e outros produtos manufacturados²⁶. Como consequência, a RPC contribuiu para estimular o crescimento económico da região, como aliás é reconhecido pela Comissão Económica para a América Latina e as Caraíbas²⁷. Esta realidade gerou igualmente dúvidas em muitos dos países ainda leais a Taipé sobre a conveniência de manter ou não essa mesma aliança. Contudo, o estabelecimento de laços com Pequim implica a aceitação do princípio da 'China única', o que obriga também ao corte das relações diplomáticas com Taipé. Em alguns casos, esta é uma decisão complexa devido às razões históricas, políticas e económicas que sustentam a relação Taiwan-América Latina. Ainda assim, conscientes da luta entre as duas Chinas, alguns dos aliados de Taiwan adoptaram uma estratégia de 'flirt' com cada uma delas de modo a obter mais vantagens, como é o caso da República Dominicana, da Guatemala, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia e Costa Rica.

A Costa Rica cortou relações com Taipé em Junho de 2007, tornando-se o primeiro país da América Central a transferir o seu reconhecimento diplomático para Pequim e espalhando o receio entre as autoridades de Taiwan sobre uma eventual onda de reconhecimento da RPC na América Latina. Esta preocupação tornou-se particularmente significativa relativamente aos principais aliados de Taipé: Paraguai e a República Dominicana. De facto, devido a sua estrutura económica, ambos os países ganhariam bastante com o reconhecimento diplomático da RPC. Dada a sua importância estratégica e o facto de a China ser um dos principais utilizadores do Canal, o Panamá também se tornou um motivo importante de preocupação. Assim, e ainda que os países mais pequenos e mais pobres da América Central e das Caraíbas não ganhassem muito com uma mudança ao nível do reconhecimento diplomático, Taiwan levou a cabo uma série de novas iniciativas de ajuda para reforçar os laços existentes.

Paralelamente a esta situação, e durante os últimos anos, alguns dos aliados de Taipé assistiram a mudanças governamentais que pareciam ameaçar as relações bilaterais. A chegada ao poder de Daniel Ortega na Nicarágua em 2007 foi vista como 'perigosa' por Taiwan, uma vez que durante o seu primeiro mandato tinha reconhecido a RPC. No ano seguinte, os resultados eleitorais no Paraguai ditaram uma mudança significativa: o candidato de esquerda, Fernando Lugo, tomou o lugar ao Partido Vermelho que tinha governado durante mais de seis décadas. Lugo afirmou a necessidade de desenvolver uma 'política externa mais independente' e

²⁶ Malamud, Carlos: "Los actores extrarregionales en América Latina (I): China", *Documento de Trabajo* 51/2007, 13/11/2007, http://www.realinstitutoelcano.org/documentos/DT2007/DT51-2007_Malamud_America_Latina_China.pdf.

²⁷ Xu, *op. cit.*

de pôr fim à ‘diplomacia do cheque’²⁸. Esta mudança ficou muito clara na falta de apoio à candidatura de Taiwan a um assento na Assembleia Geral das Nações Unidas em Setembro de 2009²⁹. Por fim, a vitória do partido de esquerda *Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional* (FMLN) em El Salvador também tornou mais provável uma possível mudança de lealdades no que diz respeito à relação com as duas Chinas. O novo candidato eleito, Mauricio Funes, afirmou que ponderaria o estabelecimento de laços diplomáticos com a RPC após assumir o poder em Junho de 2009³⁰.

África entre a ‘diplomacia do cheque’ de Taiwan e a política da ‘China única’

As relações da China com África aprofundaram-se e reforçaram-se desde a fundação da ‘Nova China’ em 1949³¹. Desde o final da Guerra-Fria, em particular com as reformas implementadas por Deng Xiaoping no final dos anos 1970, as relações passaram de uma base ideológica para uma base comercial devido à emergência da China como uma potência económica. Contudo, a dimensão política manteve-se nas relações Sino-Africanas, à medida que a batalha pelo reconhecimento diplomático entre Pequim e Taipé continuava a ser um elemento central da política externa chinesa³². Em 2006, foi publicada a política africana da China, apresentando os princípios que guiariam as relações entre os dois lados:

“Sinceridade, igualdade e benefício mútuo, solidariedade e desenvolvimento comum – estes são os princípios que guiam as trocas e a cooperação entre a China e África e a força que move as relações duradouras China-África.”³³

De acordo com os princípios chineses de não-interferência nos assuntos internos de outros Estados e de respeito mútuo, o seu investimento, cooperação e apoio técnico surgem sem quaisquer condições associadas, excepto obviamente a afirmação e defesa da política de ‘China única’³⁴. Os investimentos e a presença chinesa em África estão, portanto, a ajudar a pagar um importante dividendo nos esforços diplomáticos para negar e retirar espaço internacional a Taiwan. Assim, e uma vez que os Estados em África têm uma importância estratégica inegável para a contínua luta diplomática entre a Taiwan e a RPC, Pequim está altamente envolvido e empenhado politicamente em estabelecer laços diplomáticos fortes e

²⁸ Desantis, Daniela, "Paraguay busca cambiar vínculo con histórico aliado Taiwán", *Terra México*, Mexico, 04/09/2008, <http://www.terra.com.mx/articulo.aspx?articuloId=730015>.

²⁹ EFE, "Taiwán busca afianzar las relaciones con el Paraguay", *Última Hora*, Asunción, Paraguay, 06/03/2009, <http://www.ultimahora.com/notas/201979-Taiwán-busca-afianzar-las-relaciones-con-el-Paraguay>.

³⁰ Huan, Luis, "Relaciones Taiwan-El Salvador siguen estables", *CNA*, Taipei, Taiwan, 19/03/2009, http://spanish.cna.com.tw/ReadNews/Spn_Read.aspx?Type=PD&Date=&ID=200903190002.

³¹ Thompson, Drew, "China's Soft Power in Africa: From the 'Beijing's Consensus' to Health Diplomacy", in Andrew Waldron (ed), *China in Africa*, Washington, The Jamestown Foundation, 2008, p. 15.

³² Alden, Chris, *China in Africa*, London, Zed Books, 2007, p.21.

³³ Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Popular da China, "China's African Policy", 2006, <http://www.mfa.gov.cn/eng/zxxx/t230615.htm>.

³⁴ Thompson, "China's Soft Power in Africa...", *op. cit.*, p. 16.

positivos com os seus parceiros africanos. Através da sua presença no continente africano, a China procura evitar o reconhecimento de Taiwan como um Estado soberano e, ao mesmo tempo, busca aliados nas organizações internacionais, como as Nações Unidas. Actualmente, apenas quatro países africanos reconhecem Taiwan: Burkina Faso, Gâmbia, Suazilândia e São Tomé e Príncipe. Ainda assim, vários países africanos têm colocado frequentemente Pequim contra Taipé, procurando importantes montantes de ajuda de ambos os lados e mudando o seu reconhecimento consoante os dividendos³⁵.

Na prática, todos estes esforços e interesses foram mantidos à custa de uma relação muito próxima com elites governativas corruptas e déspotas. Durante os anos 1990, a RPC aumentou a sua ajuda aos Governos africanos e usou a sua retórica sobre respeito mútuo pela soberania e diversidade, um discurso que ecoa bem num continente oposto às tendências e aos vícios neo-coloniais das potências europeias. Como resultado, a hostilidade que muitos líderes africanos parecem ter relativamente às pressões externas para a democracia e desenvolvimento, representativas de uma certa hegemonia ocidental, parece ser ultrapassada quando se trata de considerar os custos e benefícios de uma presença chinesa em África, sobretudo quando esta é assumidamente mais flexível, menos intrusiva e economicamente benéfica. De facto, a moderação e abertura da abordagem chinesa ao desenvolvimento e crescimento económico (conhecida como o 'Consenso de Pequim'³⁶), é também muito mais apelativa para os países africanos do que uma estratégia muito mais rígida e mais condicional estimulada pelos países ocidentais (conhecida como o 'Consenso de Washington'), criando as condições para relações económicas e comerciais mais próximas e profundas com o governo e com as empresas chinesas³⁷. A mesma lógica se aplica ao caso da América Latina, como ficou claro acima.

No caso do Sudão, por exemplo, a China tem investido cada vez mais nas infra-estruturas do país, conferindo a Cartum um apoio político coerente e sólido no plano internacional (especialmente em relação ao conflito no Darfur). Em troca, Pequim consegue não só acesso privilegiado às reservas petrolíferas do Sudão, mas também um apoio quase incondicional do Presidente Bashir à política da 'China única' e, conseqüentemente, a sua oposição a qualquer tentativa de separação de Taiwan³⁸. Por exemplo, durante a tentativa de Taiwan aderir às Nações Unidas em 2007, o governo sudanês reiterou que "existe apenas uma China

³⁵ Thompson, "Economic Growth and Soft Power...", *op. cit.*, p. 12.

³⁶ O 'Consenso de Pequim' defende um modelo de desenvolvimento que contraria a ideia de liberalização política e de reformas económicas como pré-condições fundamentais para o desenvolvimento no longo-prazo. Em alternativa, o crescimento económico é estimulado através de comércio e investimento em infra-estruturas e instituições sociais. In: Thompson, "Economic Growth and Soft Power...", *op. cit.*, p. 15.

³⁷ Jiang, Wenran, "Hu's Safari: China's Emerging Strategic Partnerships in Africa", in Andrew Waldron (ed), *op. cit.*, p. 19.

³⁸ *China Daily*, "Chinese President wraps up Africa tour, 11/02/2007, http://www.chinadaily.com.cn/china/2007-02/11/content_806503.htm.

no mundo e Taiwan faz parte inalienável da China”³⁹. Além disso, o Presidente Bashir considerou legítimo que a República Popular da China leve a cabo qualquer acção para manter a unidade do país e prevenir quaisquer tentativas de fragmentação territorial⁴⁰. No que diz respeito às críticas ao apoio chinês ao Presidente sudanês, acusado de cometer crimes de Guerra no Darfur, os líderes chineses argumentam que têm desempenhado um papel construtivo, apoiando consistentemente os esforços de paz e desenvolvimento no Sudão⁴¹.

De facto, a prática diplomática do passado, através da qual a República Popular da China punia todos com a suspensão da ajuda e do investimento chineses os Governos que optassem por romper os laços diplomáticos, tem sido substituída por uma abordagem mais flexível, aberta mas também selectiva, equilibrando o pragmatismo que caracteriza a ‘nova’ política da China em África⁴². A China tem também sido muito activa e eficaz na atribuição de empréstimos e no perdão a dívidas aos países mais pobres ao nível dos Fóruns de Cooperação China-África. Esta estratégia tem-lhe permitido ganhar aceitação e confiança política significativa entre os governos africanos e assegura o seu apoio internacional à política de ‘China única’⁴³. De acordo com o site oficial do FOCAC (Fórum on China-Africa Cooperation), o Presidente chinês Hu Jintao anunciou algumas das medidas para consolidar ‘um novo tipo de parceria estratégica’ entre a China e África: maior abertura do mercado chinês aos países africanos menos desenvolvidos; criação de três a cinco zonas de comércio e cooperação económica em África nos próximos três anos, garantindo três mil milhões de dólares em empréstimos preferenciais a países africanos; treino e formação a 15,000 profissionais africanos de várias áreas⁴⁴.

De modo a competir com a presença e influência chinesa em África, Taiwan tem conseguido concentrar os seus recursos financeiros num número mais reduzido de países que actualmente lhe garantem reconhecimento, e aproximando-se gradualmente de outros. Na Cimeira Taiwan-África de 2007, representantes de cinco países africanos reuniram com os de Taiwan⁴⁵, intensificando as relações entre ambos os lados. Nesta Cimeira, os líderes apelaram a que a comunidade

³⁹ Large and Chien, 2008, “China Rising in Africa: Whither Taiwan?”, paper apresentado na 5.ª Conferência da European Association of Taiwan Studies, Charles University, Praga 18-20 de Abril.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ “China denies accusation of violating human rights in oil business,” *Sudan Tribune*, 27/04/2006, <http://www.sudantribune.com/spip.php?article15304>.

⁴² Alden, *op. cit.*, p.21.

⁴³ Thompson, “Economic Growth and Soft Power...”, *op. cit.*

⁴⁴ Forum on China-Africa Cooperation, “Sino-African trade likely to hit \$100 bln by 2010”, 2007, <http://www.focac.org/eng/hxxd/t381537.htm>.

⁴⁵ Em 2007, a cooperação de Taiwan também cresceu relativamente a alguns países africanos, incluindo a Gâmbia, a Suazilândia, o Malawi ou o Burkina Faso. Na Gâmbia, uma política de isenção de vistos foi estabelecida para portadores de passaportes de Taiwan de modo a atrair investidores. Existem ainda vários programas de cooperação entre os dois países nas áreas da educação, tecnologia agrícola, ajuda humanitária. A Gâmbia reconhece actualmente Taiwan. As relações entre Taiwan e o Malawi eram fortes em 2007, com importante cooperação bilateral e oportunidades de negócio para os empresários de Taiwan no Malawi. Taiwan terminou as relações diplomáticas em 2008 quando o Malawi decidiu reconhecer a RPC. “China attempts to isolate Taiwan in Africa”, *Sinoafrica*, 21/07/2008, <http://sinoafrica.org/2008/07/21/china-attempts-to-isolate-taiwan-in-africa/>.

internacional respondesse aos desafios colocados pelas guerras civis em África, fazendo parte das missões de *peacekeeping*, de modo a manter a estabilidade na região. Além disso, Taiwan prometeu aprofundar as suas relações com os aliados africanos e planeou trocar ideias e projectos em várias áreas, incluindo paz e conflitos, tecnologia digital, crescimento económico, cuidados médicos e ambiente sustentável. A Declaração de Taipé, elaborada e aprovada durante a Cimeira, reconhece que os conflitos políticos e sociais, assim como as guerras civis, colocam importantes obstáculos ao desenvolvimento em África. Esta declaração ainda refere que Taiwan se disponibiliza a partilhar a sua experiência de desenvolvimento nacional com todos os países africanos em troca do reconhecimento diplomático, a nível internacional, enquanto Estado independente e legítimo representante da China.

Em resposta, alguns Estados africanos pediram o fim das tensões entre as duas partes e apoio ao pedido feito por Taiwan para que fosse aceite como membro nas Nações Unidas e noutras instituições internacionais. Parece, assim, que a política externa de Taiwan se pauta pela concessão de ajuda económica e oportunidades de comércio com os países africanos, na esperança de conseguir o seu apoio para que se seja reconhecido como um Estado soberano no sistema internacional. Apesar de Taipé ter alguns laços com países que não reconhecem a República da China, a verdade é que com o reconhecimento diplomático a ajuda tende a aumentar substancialmente, servindo de atractivo a alguns países no continente africano, a braços com dificuldades económicas e sociais. Ao mesmo tempo, os projectos de ajuda e de apoio ao desenvolvimento são por norma automaticamente suspensos quando os aliados deixam de reconhecer Taiwan e passam a aliar-se à RPC ⁴⁶.

Neste contexto, Pequim deve considerar os seus investimentos com uma atenção especial a estes países que lhe podem garantir uma cooperação mais estável e, ao mesmo tempo, se recusam a reconhecer Taiwan ⁴⁷. Por exemplo, em relação à Cimeira Taiwan-África em 2007, o Ministro dos Negócios Estrangeiros chinês afirmou que:

“O real propósito para realizar este tipo de Cimeiras por parte do governo de Chen Shui-bian não é o de apoiar o desenvolvimento de África e beneficiar a população de Taiwan. Estas Cimeiras beneficiam sim os indivíduos e o partido político no poder e são tentativas de afirmar internacionalmente as actividades secessionistas e a ‘independência’ de Taiwan, de forma a danificar os laços de amizade entre a China e África”⁴⁸.

Nesse sentido, a chamada ‘diplomacia do dólar’ ou ‘diplomacia do cheque’ frequentemente usada por Taiwan, envolvendo o apoio financeiro a Governos

⁴⁶ Desde que estabeleceu relações diplomáticas com o Senegal em 1966, Taiwan já concedeu ajuda em áreas como a agricultura, pescas, serviços de saúde, educação e desenvolvimento de infra-estruturas. Contudo, em 2005 o Embaixador de Taiwan no Senegal cessou funções quando o Governo senegalês deixou de reconhecer a República da China. Taiwan suspendeu todos os projectos de ajuda em curso no Senegal.

⁴⁷ Thompson, “Economic Growth and Soft Power...”, *op. cit.*, p. 12.

⁴⁸ *Sinoafrica, op. cit.*

aliados e programas de ajuda e investimento, tem sido progressivamente substituída pela vontade e capacidade de Pequim usar os seus recursos para conseguir e aumentar o apoio diplomático no continente africano⁴⁹. O objectivo de evitar o reconhecimento de Taiwan em África tem, de alguma maneira, sido conseguido. Por exemplo, em 1997 Taipé mantinha relações diplomáticas com dez países africanos, mas acabou por perder os apoios da Guiné-Bissau e da República Centro-Africana (1998), da Libéria (2003), do Senegal (2005), do Chade (2006), do Malawi (2008) e de muitos outros que foram progressivamente transferindo o reconhecimento diplomático para Pequim.

Este 'assalto' da RPC a África evidencia que, além de interesses comerciais e económicos, existem também claras tentativas diplomáticas e políticas de promover e procurar o apoio africano à política da 'China única'. A importância do continente africano para a diplomacia chinesa também passa pelo facto de constituir o 'maior grupo regional de Estados' com uma tendência clara para 'votações em bloco' nos palcos multilaterais⁵⁰. No caso de Taiwan pode aplicar-se a mesma lógica. A luta pelo reconhecimento diplomático e político a nível internacional parece justificar uma abordagem activa e empenhada junto dos países africanos, muitas vezes aproveitando-se das suas frágeis estruturas políticas.

Conclusão

Este artigo procurou analisar as dinâmicas subjacentes à luta entre a RPC e Taiwan pelo reconhecimento diplomático na América Latina e em África. A estratégia usada por Taiwan para manter a lealdade dos seus aliados nestes dois continentes assenta essencialmente na ajuda financeira e na cooperação para o desenvolvimento e, por isso, tem tido nos países mais pobres os seus principais aliados. De facto, Taiwan não tem conseguido competir com a principal 'arma' diplomática da República Popular da China: o enorme potencial do seu mercado. A liderança assumida por Pequim na luta pelo reconhecimento diplomático na América Latina, sobretudo, é uma prova clara desta diferença de estratégias. Como foi mencionado antes, durante os anos 1980 e 1990, a RPC conseguiu impedir o reconhecimento de Taiwan por parte de muitos países latino-americanos, na sua maioria países de grande e média dimensão que encontraram em Pequim um parceiro comercial extremamente interessante e atractivo.

Ainda assim, com excepção da Costa Rica, apesar da pressão chinesa Taiwan tem conseguido evitar perder aliados. Isto poderá ser explicado pela aceitação tácita de Pequim da 'trégua diplomática' recentemente proposta por Taipé. De facto, depois de subir ao poder em Maio de 2008, o Presidente taiwanês Ma Ying-jeou, do Partido *Kuomintang* (KMT), distanciou-se da linha de política externa que o *Democratic Progressive Party* (DPP) tinha implementado, lançando uma estratégia de aproximação à China continental. Um dos pilares desta nova política

⁴⁹ Alden, *op. cit.*, p. 21.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 22.

foi precisamente a proposta desta 'trégua diplomática' entre as duas partes, com vista a pôr fim à longa luta com Pequim e assim conseguir manter algum espaço internacional para Taiwan⁵¹. Apesar de nunca ter havido qualquer resposta oficial por parte das autoridades de Pequim, os factos parecem sugerir que a RPC está receptiva à proposta de Taiwan.

Tal como a América Latina, África tem sido considerada uma 'janela de oportunidade' para a economia chinesa em rápido crescimento, bem como uma região estratégica para impedir o reconhecimento internacional de Taiwan. Os interesses geo-económicos da China no continente africano estão intimamente ligados à visão militar e estratégica chinesa do mundo pós-Guerra Fria, defendendo uma posição e participação activas no sistema internacional e nos principais *fora* económicos e políticos mundiais, tais como as Nações Unidas ou a Organização Mundial do Comércio. Com esta postura, a China afirma-se frequentemente como estando em clara oposição ao domínio unilateral norte-americano. A procura de recursos, a ideologia e a questão central do reconhecimento de Taiwan são frequentemente apontados como justificativos desta crescente presença chinesa em África⁵², mas a disputa com Taiwan é o factor decisivo na definição da abordagem chinesa.

Referências

- Aderinwale. Ayodele, "Africa-China Relations: Issues and Challenges", 2007, http://www.almba.eu/files/bsn-article_africa-china-relations-issues-and-challenges.pdf.
- Alden, Chris. *China in Africa*. London, Zed Books, 2007.
- "Belize & Chinese Petroleum Corporation (CPC) of Taiwan Sign Exploration Agreement", Caribbean Press Releases, 16/01/2009, <http://www.caribbeanpressreleases.com/articles/4454/1/Belize-amp-Chinese-Petroleum-Corporation-CPC-of-Taiwan-Sign-Exploration-Agreement/Page1.html>.
- "Belize welcomes ROC-Taiwan naval visit", *The Reporter*, Belize, 02/05/2008, <http://www.reporter.bz/index.php?option=content&task=view&id=2732&Itemid=2>.
- Calderón, Edgar: "Taiwán redobla esfuerzos para fortalecer relaciones con Centroamérica", *El Periódico de México*, Mexico DF, Mexico, 27/07/2007, <http://elperiodicodemexico.com/nota.php?id=126746&fecha=2007-07-27>.
- Central News Agency, "Taiwan, Dominican Republic sign volunteer pact", Taiwan News, Taiwan, 10/03/2009, http://www.taiwannews.com.tw/etn/news_content.php?id=888225&img_news&cate_img=83.jpg&cate_rss=news_Politics_TAIWAN.
- "China attempts to isolate Taiwan in Africa", *Sinoafrica*, 21/07/2008, <http://sinoafrica.org/2008/07/21/china-attempts-to-isolate-taiwan-in-africa/>.
- China Daily*, "Chinese President wraps up Africa tour, 11/02/2007, http://www.chinadaily.com.cn/china/2007-02/11/content_806503.htm.
- "China denies accusation of violating human rights in oil business," *Sudan Tribune*, 27/04/2006, <http://www.sudantribune.com/spip.php?article15304>.
- Desantis, Daniela, "Paraguay busca cambiar vínculo con histórico aliado Taiwán", *Terra México*, Mexico, 04/09/2008, <http://www.terra.com.mx/articulo.aspx?articuloId=730015>.

⁵¹ Ríos. Xulio: "Un diálogo en alza en el estrecho de Taiwán", *ARI* 8/2009, 14/01/2009, <http://www.realinstitutoelcano.org>.

⁵² Alden, *op. cit.*, p. 7.

- EFE, "Taiwán acepta diferir el cobro de los préstamos concedidos a Paraguay", Soitu.es, 09/03/2009, http://www.soitu.es/soitu/2009/03/09/info/1236599046_690161.html.
- European Parliament, *Report of the European Parliament on the Chinese policy in Africa and its impact in Africa*, Strasbourg, 23/08/2008.
- Forman, Johanna Mendelson; Moreira, Susana: "Taiwan-China Balancing Act in Latin America", *ARI* 154/2008, 2008, <http://www.realinstitutoelcano.org>.
- Garméndez, Zayda, "China Taiwán y Guatemala entran en los planes de construir refinería", *La Jornada*, Managua, Nicaragua, 25/07/2007, <http://www.lajornadanet.com/diario/archivo/2007/julio/china-taiwan-25.html>.
- Gill, Bates e Huang, Chin-Hao, "China's expanding role in peacekeeping," Policy paper, 25, Stockholm International Peace Research Institute, Noviembre 2009.
- Government of Belize Press Office, "Republic of China (Taiwan) makes donation for the upgrading of the National Assembly Building", *Caribseek Caribbean News*, 23/01/2009, http://news.caribseek.com/Belize/article_74097.shtml.
- Huan, Luis, "Relaciones Taiwan-El Salvador siguen estables", *CNA*, Taipei, Taiwan, 19/03/2009, http://spanish.cna.com.tw/ReadNews/Spn_Read.aspx?Type=PD&Date=&ID=200903190002.
- Jiang, Shixue, "Una mirada china a las relaciones con América Latina", *Nueva Sociedad* 203, 2006, pp. 62-77.
- Jiang, Wenran, "Hu's Safari: China's Emerging Strategic Partnerships in Africa", in Andrew Waldron (ed), *China in Africa*, Washington, The Jamestown Foundation, 2008, pp. 19-21.
- Jovel, Stefany, "Exportaciones de El Salvador a Taiwán aumentaron 40%", *La Prensa Gráfica*, San Salvador, El Salvador, 09/03/2009, <http://www.laprensagrafica.com/economia/nacional/22165--exportaciones-de-el-salvador-a-taiwan-aumentaron-40.html>.
- Large e Chien, "China Rising in Africa: Whither Taiwan?", paper presented at the Fifth Conference of the European Association of Taiwan Studies, Charles University, Prague 18-20 Abril 2008.
- Malamud, Carlos, "Los actores extrarregionales en América Latina (I): China", *Documento de Trabajo* 51/2007, 13/11/2007, http://www.realinstitutoelcano.org/documentos/DT2007/DT51-2007_Malamud_America_Latina_China.pdf.
- Melville, Chris; Owen, Olly, "China and Africa: a new era of 'south-south cooperation'", *Open Democracy*, 08/07/2005, <http://www.opendemocracy.net/debates/article.jsp?id=6&debateId=131&articleId=2658>.
- Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Popular da China, "China's African Policy", 2006, <http://www.mfa.gov.cn/eng/zxxx/t230615.htm>.
- Ortiz, Agustín, "Taiwán donará ampliación de la carretera al Atlántico", *El Periódico*, Ciudad de Guatemala, Guatemala, 14/04/2008, <http://www.elperiodico.com.gt/es/20080414/economia/52499/>.
- Peralta, Gabriel Aguilera: "De espaldas al dragón", *Nueva Sociedad* 203, 2006, pp. 171-179.
- Ríos, Xulio, "Un diálogo en alza en el estrecho de Taiwán", *ARI* 8/2009, 14/01/2009, <http://www.realinstitutoelcano.org>.
- Smith, Eduardo, "Gira asiática atrae capital", *Prensa Libre.com*, Ciudad de Guatemala, Guatemala, 12/06/2008, <http://www.prensalibre.com/pl/2008/junio/12/243945.html>.
- "Taiwan, Dominican Republic to work on FTA", *The China Post*, Taipei, Taiwan, 18/08/2008, <http://www.chinapost.com.tw/taiwan/foreign%20affairs/2008/08/18/170549/Taiwan-Dominican.htm>.
- "Taiwán dona a Guatemala diez ambulancias destinadas al área rural del país", Soitu.es, 17/07/2008, http://www.soitu.es/soitu/2008/07/17/info/1216329652_064127.html.
- "Taiwan donates scholarships", *Dominican Republic News*, Dominican Republic, 22/07/2008, <http://dr1.com/news/2008/dnews072208.shtml>.
- "Taiwán garantizó a Guatemala apoyo en infraestructura y seguridad (Colom)", *Eco Diario - El Economista*, Madrid, Spain, 15/10/2008, <http://ecodiario.eleconomista.es/internacional/noticias/806123/10/08/Taiwan-garantizo-a-Guatemala-apoyo-en-infraestructura-y-seguridad-Colom.html>.

- “Taiwanese tourists to enter Dominican Republic with card”, *Dominican Today*, Dominican Republic, 05/09/2008, <http://www.dominicantoday.com/dr/world/2008/9/5/29311/Taiwanese-tourists-to-enter-Dominican-Republic-with-card>.
- Thompson, Drew, “Economic Growth and Soft Power: China’s Africa Strategy”, in Andrew Waldron (ed), *China in Africa*, Washington, The Jamestown Foundation, 2008, pp. 11-14.
- Thompson, Drew, “China’s Soft Power in Africa: From the ‘Beijing’s Consensus’ to Health Diplomacy”, in Andrew Waldron (ed), *China in Africa*, Washington, The Jamestown Foundation, 2008, pp. 15-18.
- Xu, Shicheng, “Las diferentes etapas de las relaciones sino-latinoamericanas”, *Nueva Sociedad* 203, 2006, pp. 102-113.